

O “nacionalismo patriótico” presente em *Através do Brasil*

DEL GAUDIO, Rogata S¹.; PEREIRA, Doralice B².

Esse artigo procura identificar como os autores Manoel Bomfim e Olavo Bilac compreenderam temas caros à Geografia, tais como o espaço, a natureza, a paisagem, a sociedade, o território e lugar, bem como o “nacionalismo patriótico” presente na obra *Através do Brasil*³.

O livro, os autores e a possível relação com a Geografia Escolar

A obra *Através do Brasil*, escrita por Olavo Bilac e Manoel Bomfim e publicada entre os anos de 1910 a 1960, inscreve-se na linha dos “romances de formação⁴” (*Bildungsroman*), “organizados em torno de uma idéia pedagógica de educação do homem”, que “consiste em movimentar o herói [ou heróis] **no espaço**, na hierarquia social” (BAKHTIN, 1997, 224-240, grifo nosso).

Essa obra responde a preocupação dos autores quanto à “associação e assimilação de heróis ‘estrangeiros’ ao imaginário da juventude nacional” (BOTELHO, 1998, 2) e à necessidade de constituir os brasileiros e a “comunidade imaginada⁵” denominada Brasil. Para Moretti, “há muito tempo a sociologia literária insiste (...) na relação entre o romance e o capitalismo (...), entre o romance e a realidade geopolítica do Estado-nação” (2003, 27). Assim, o romance “funciona como a forma simbólica do Estado-nação, “que encobre “as divisões internas da nação, *mas consegue transformá-las em uma história*”.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciada em Geografia (UFMG); Mestre em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Doutora em Educação (UFMG); Membro do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (PUC/SP).

² Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Geografia (Université de Montréal).

³ A pesquisa “A influência de *Através do Brasil* para a construção do pensamento geográfico escolar”, coordenada pelas autoras entre 2009-2010, analisou a obra visando identificar a geografia de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. Elas contaram com bolsas de Iniciação Científica via PRPq/Probic/Fapemig e Iniciação Científica Júnior concedida pelo Provoc/Coltec /UFMG.

⁴ Embora não seja um “romance” no sentido clássico da palavra, ou como analisado por Moretti (2003), é um livro voltado para a aprendizagem da leitura para a escola primária. Apesar disso, por sua temática, forma e objetivos, consideramos a proximidade entre um e outro.

⁵ Benedict Anderson define nação como uma “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (2008, 32).

Segundo esse autor, o romance “acrescenta um sentido ao espaço nacional, por meio da ‘projeção’ literal, nele, das emoções.” (idem, 27-34)

Através do Brasil é um livro de leitura que movimentava personagens num cenário marcado e demarcado pela espacialidade. Esse livro conforma uma “nação imaginada”, acrescentando um “sentido ao espaço nacional”, que é percorrido de norte a sul por seus protagonistas, ou é narrado por personagens porta-vozes das geografias de estados/províncias e regiões brasileiras, unificando-as.

Livro de leitura quase obrigatória no processo de alfabetização das crianças brasileiras, em especial na primeira metade do século XX, teve inúmeras edições⁶ e reedições e foi indubitavelmente um sucesso literário.

O caráter idílico e literário da obra evidenciava sutilmente o espaço brasileiro, palco das ações dos homens e onde se desenrolavam as aventuras dos dois meninos, Carlos e Alfredo. A viagem dos protagonistas passava por múltiplas paisagens, onde Bomfim e Bilac, por meio de estratégias discursivas, interpelavam os pequenos leitores e os despertavam para a grandeza, as belezas e as possibilidades futuras do Brasil-nação.

Em vários momentos, *Através do Brasil* foi objeto de análise por pesquisadores de formação bastante distinta como BOTELHO (1998), LAJOLO (2000), OLIVA e BRAY (2001), SANTOS e MONTEIRO (2002), SANTOS e OLIVA (2004), OLINTO (2006), RODRIGUES-MOURA (2007), entre outros.

No Brasil da República Velha (1889-1930), a necessidade de se construir a identidade nacional apoiou-se também na institucionalização e regulamentação progressiva da educação nacional e das disciplinas escolares⁷, entre elas, a Geografia. É importante frisar ainda que, “na virada para o século XX, no Brasil,

⁶ “Segundo dados da Editora Francisco Alves, em sua primeira edição, o *Através do Brasil* teve uma tiragem de quatro mil exemplares, seguida de uma segunda edição, em 1913, com a mesma quantidade. Considerando as duas primeiras tiragens, chega-se à conclusão de que o livro atendeu a 1,25% do público escolar daquela época, o que não deixa de ser uma significativa fatia do mercado consumidor, dado não ser ele o único produto daquela natureza. (...) Com 66 edições, *Através do Brasil* perdurou como texto adotado nas escolas por mais de seis décadas. (...) Em 1965, o livro deixou de ser editado. A considerar os dados aqui apresentados, calcula-se, por alto, uma quantidade de mais de meio milhão de exemplares vendidos”. (SANTOS e OLIVA, 2004)

⁷ Para André Chervel, as disciplinas escolares “são criações espontâneas e originais do sistema escolar (...). E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”. (CHERVEL, 1990, 184)

buscava-se não só a identidade nacional brasileira, mas também uma identidade específica para o campo intelectual” (PRIORI e CANDELORO, 2009). Bilac e Bomfim almejavam, com *Através do Brasil*, priorizar

O conhecimento do Brasil “as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos, suas indústrias, o novo porto do Rio de Janeiro, as plantações de café a trepidante e sempre crescente cidade de São Paulo, etc.”, com a intenção de deixar uma marca na mente e no coração do jovem leitor. (BILAC e BOMFIM, 1910 *apud* RODRIGUES-MOURA, 2007, 232)

Através do Brasil e outros livros de leitura modificaram a construção do pensamento geográfico escolar no Brasil⁸. Apesar da obra não ser explicitada como um livro voltado ao ensino de geografia, podemos abordá-la tendo em conta que “o ensino de geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras” (VLACH, 2007). E, indiretamente, ocorria “por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos enfatizavam a descrição do território, sua dimensão, suas belezas naturais” (idem). Torna-se oportuno compreender as aproximações entre a construção da Geografia Escolar e o projeto político de nação brasileira, uma vez que a geografia escolar pode

Permitir a milhares de indivíduos construir e apropriar-se de um número de conhecimentos – competências, habilidades e atitudes – considerados característicos daquelas disciplinas. É fruto de longas tradições pedagógicas, científicas e sociais, de variados imperativos e determinações. (LESTEGÁS, 2002; AUDIGIER, 1992, tradução das autoras)

Além da diferença relativa ao grau de ensino, as geografias escolar e acadêmica respondem “a problemas, finalidades, processos e demandas distintos” (LESTEGÁS, 2002 e AUDIGIER, 1992) e mobilizam, assim, materiais e cabedal teórico-metodológico próprios. Na geografia escolar, os textos “em geral são mais fechados e marcados com signos que indicam claramente aos alunos o que é importante e, portanto, devem aprender”. (LESTEGÁS, 2002, tradução das autoras)

Analisar o *Através do Brasil* justifica-se, portanto, na medida em que Bomfim e Bilac acreditavam na educação como capaz de auxiliar a construir a nação e os

⁸A Geografia dos autores, quando da publicação da obra, foi consonante com o que se esperava e se atribuía a essa disciplina: o estudo da cosmologia, dos acidentes e fatos geográficos, etc. A estrutura da narrativa, a presença sutil das paisagens, lugares, territórios e a importância do espaço geográfico e sua ocupação, no conjunto da obra, certamente subsidiaram a construção de conteúdos específicos para o ensino da geografia no Brasil.

brasileiros e confiavam que a “força da civilização brasileira” seria capaz de vencer “o olhar desanimador, aniquilador, de europeus e intelectuais brasileiros aculturados (...)”. Bomfim, inclusive, rejeitava “esse olhar dominado que nos ressecava, e combatia a ‘história oficial’ que enaltecia os heróis luso-brasileiros e massacravam a população brasileira”. (REIS, 2006, 222)

Quanto às diferenças teóricas, Bilac era mais afeito às artes e ao jornalismo e defendia um ufanismo “ingênuo”. Já Bomfim, voltado às análises sociológicas e estruturais do país, lidou com o conceito de espaço produzido, inspirado no geógrafo Elisée Réclus (OLIVA e BRAY, 2001).

O que teria então aproximado dois autores com posições políticas e ideológicas aparentemente distintas?

Ambos confiavam na civilização e na modernização do Brasil como destino indelével e inevitável. Ambos militavam no campo educacional e nele ocuparam cargos⁹. Através da crença na capacidade da educação em unificar os brasileiros e em se tornar “redentora da nação”, “encararam com entusiasmo o trabalho de escrever livros para a escola primária” (SANTOS e OLIVA, 2004). O incomensurável amor pelo Brasil e por tudo que lhe dizia respeito colocava-os como patriotas de primeira categoria.

Na busca pela formação de um *corpus* didático e paradidático na literatura nacional, *Através do Brasil* foi inspirado em obras européias do século XIX, a exemplo de *Cuore* (Coração), de Edmundo de Amicis, livro de leitura italiano adotado nas escolas brasileiras entre o final do século XIX e o início do século XX, e do francês *Le Tour de La France par Deux Enfants*, de G. Bruno. As duas obras discutem a ideia de identidade nacional em momentos de crise em suas respectivas sociedades (LAJOLO, 2000).

Para identificar, em *Através do Brasil*, os pressupostos geográficos mobilizados na construção de um “nacionalismo patriótico¹⁰” (CHAUÍ, 1984; VLACH, 1988)

⁹Manoel Bomfim lecionou na Escola Normal e foi diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Olavo Bilac foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1896) e foi também Inspetor Escolar do Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro).

¹⁰ “O nacionalismo patriótico, que varrerá a Europa, a partir de Napoleão, dos fracassos de 1848, e da ‘via prussiana para o capitalismo’ com Bismarck, encontra na idéia revolucionária da pátria e nas elaborações de Herder, no final do século XVIII, os elementos para produzir, por meio do Estado Nacional, o sentimento nacional como consciência patriótica, o que permitirá, por seu turno, um duplo tratamento do ‘popular’: como resíduo tradicional da nação (folclore) e como perigo contínuo para a pátria (as classes populares)” (CHAUÍ, 1984, 29). Esse conceito foi retomado e discutido em VLACH (1988).

e um corpus geográfico escolar, os procedimentos metodológicos contaram com o levantamento documental de artigos que tratam da obra e de seus escritores. A sua significativa importância na instrução escolar e o grande número de edições e leitores deram-lhe peso no mercado editorial. Em seguida, debruçando-se sobre a obra, a análise dos textos ateve-se a três edições¹¹. Algumas técnicas de Análise de Discurso aprofundaram e refinaram as categorias e os discursos produzidos, atentando para os grupos

de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. [...] Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. (BAKHTIN, 1992, 44-45)

A obra e os artigos foram avaliados quanto à forma e ao uso dos conteúdos e discursos próprios à geografia - como as questões de limites e fronteiras -, o Espaço, os elementos que instruem no conhecimento do Brasil, o sentimento de pertencimento à nação, a Natureza, o “tipo brasileiro”. Procuramos verificar as interrelações e as interpelações na relação entre um discurso regional e um outro nacional, cujo foco no/para o espaço e território integrou a nação e nutriu a construção, *a posteriori*, de um corpus geográfico escolar.

Através do Brasil e a constituição do mercado editorial brasileiro

O livro didático, material de ensino-aprendizagem adotado nas escolas, vinculou-se às iniciativas governamentais (decretos, leis, orientações curriculares e programas de avaliação), às demandas do campo científico (orientações curriculares e diretrizes para a formação de professores) e ao modo de organização do mercado editorial brasileiro (TABOSA, 2008, 107-8).

As pesquisas sobre e em livros didáticos enquanto fonte para pesquisas tiveram um crescimento contínuo, embora irregular (CHOPPIN, 2004). Para esse autor, livros didáticos agregam múltiplas funções, entre elas a “referencial (...) curricular ou programática, (...) suporte privilegiado dos conteúdos educativos” (idem, 552).

¹¹Uma edição analisada foi a 31ª, de 1939; a segunda encontra-se disponível no site: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/00atraves.htm>, Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1948, 36ª ed.; e por fim, a terceira se refere à reedição da Companhia das Letras, organizada por Lajolo (2000). De 1910 a 1958 foram pontuadas diferenças nos capítulos que compuseram os volumes da obra (RODRIGUES-MOURA, 2007, 233).

Assim, a análise de *Através do Brasil* revelou-nos a concepção e o discurso dos autores em relação a, pelo menos, duas Geografias. No início da obra, em “Advertência e Explicação”, eles declaram uma Geografia generalista, de acordo com os pressupostos explícitos da época para o ensino dessa disciplina. Porém, ao longo da narrativa, permitem entrever outra, não nomeada explicitamente pelos autores, mas que faz do espaço o cenário da ação, e, desse modo, torna-o um personagem implícito a alinhar permanentemente a narrativa.

A função instrumental dos livros didáticos “põe em prática métodos de aprendizagem” (idem, 552-3). Em *Através do Brasil*, os métodos enunciados em “Advertência e Explicação” atrelam-se à “moderna orientação da Pedagogia” (para a época), a exemplo do método intuitivo e da observação seguida da descrição (procedimentos comuns à Geografia Clássica).

Já a “função ideológica e cultural” ligada à formação dos estados nacionais tem no livro didático “um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes” (CHOPPIN, 2004, 552-3). Na obra, a língua atua como “unificadora” do nacional, mesmo quando a narrativa atravessa estados de grandes diversidades linguísticas. Os autores mantiveram toda a história numa mesma linguagem, sintetizando o nacional em um padrão homogêneo e monolítico. Nessa função, *Através do Brasil* vem confirmar a denúncia dos autores quanto à ausência de livros, no país, voltados a construir os brasileiros. Por fim, os livros didáticos assumem a função “documental [fornecendo], sem que sua leitura seja dirigida, um conjunto de documentos textuais ou icônicos, cuja observação pode vir a desenvolver o espírito crítico do aluno” (idem, 552-3). Os textos e a iconografia fornecem aos alunos um retrato verídico da grandiosidade da terra e das gentes brasileiras, anunciando seu potencial para o futuro, sua unicidade na diversidade. Bilac e Bomfim não buscavam formar o espírito crítico do aluno. Nos jovens brasileiros, buscaram construir o amor e o orgulho por sua pátria - o “nacionalismo patriótico” (CHAUÍ, 1984; VLACH, 1988).

A posição do setor escolar na economia editorial brasileira tem sido expressiva. Os livros didáticos, no início do século XX, “correspondiam a dois terços do montante publicado e ainda em 1996, equivaliam a cerca de 61% da produção nacional”. (CHOPPIN, 2004, 551).

As ligações/conexões de *Através do Brasil* frente à constituição desse mercado principiam pelo contrato firmado entre seus autores e a editora Francisco Alves (uma das pioneiras e maiores do gênero no país, na primeira metade do século XX). Bomfim e Bilac, sendo “nomes consagrados no mundo das letras e de grande prestígio junto às autoridades da época e aos professores” (LAJOLO, 2000, 20), eram garantias para a aceitação e vendagem do livro. O baixo custo do livro para os pais e para o Estado tinha ainda o mérito de ser de “leitura fácil e envolvente. (...) Era, simultaneamente, um projeto educacional dos seus autores e um empreendimento comercial de grande potencial.” (idem). Assim,

Provavelmente nenhum material escolar sofreu tanto as influências das leis de mercado quanto esse [o livro didático]. Fundamentalmente porque as políticas do livro escolar mantiveram conectados os interesses estatais aos privados. (CORRÊA, 2000, 22)

O proprietário da Editora, Francisco Alves, detinha quase o monopólio do mercado de livros didáticos, geralmente impressos fora do Brasil (preferencialmente em Paris) até meados da década de 1910 (ZAPPONE, 2005, 179). *Através do Brasil*, um dos grandes sucessos da Francisco Alves, auxiliou o mercado editorial interno a crescer e a diversificar obras e autores, além de beneficiar outras editoras. Ele também favoreceu a intertextualidade entre os livros didáticos e seus principais interlocutores, alunos e professores.

Pressupostos e discursos geográficos em *Através do Brasil*

Um dos objetivos precisos da obra é dar a conhecer o Brasil, protagonista sutil de e em toda a narrativa. O texto aponta para um discurso que se fará presente, *a posteriori*, em inúmeras obras relativas ao ensino de Geografia, a saber, a construção imagética e imaginária do Rio São Francisco como grande rio da unidade nacional. Unidade essa também buscada em toda a narrativa, sendo o país apresentado aos leitores em sua unidade, que advém justamente de sua diversidade.

A terra brasileira, de natureza pródiga, bela, majestosa, provê “o pão a quem trabalha”, em uma sucessão de cenários. Acerca do sertão, Juvêncio afirma: “A terra é muito rica, e nunca nega o sustento a quem sabe tratá-la: dá o milho, o feijão, a mandioca, o algodão...”. (BILAC e BOMFIM, 1939, 74, XV - O

sertão, grifos nossos). A voz de Bilac é deduzida de um trecho presente em um de seus poemas, dirigido justamente para as escolas:

Boa Terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha... (BILAC, 1929).

A demanda pelo distintivo da vida brasileira aqui significa esclarecer as especificidades do Brasil frente às demais nações, a exemplo de sua notável e diversificada produção agrícola. A imaginação e a voz de Bilac preenche ainda a narrativa com os sons, cheiros, gostos não alcançados pelas ilustrações.

Um dos processos para a construção da ideologia nacional¹² é a procura do único diante do universal, da distinção entre si mesmo e o outro. A construção da “nação imaginada” (ANDERSON, 2008) engloba a simultaneidade do tempo na narrativa e a unicidade do espaço que, apesar de diverso, é geral e comum. As descrições da natureza e dos brasileiros proporcionam ao leitor responder, de imediato, àquilo que é exclusivo e próprio do Brasil e dos brasileiros, ou seja, a cordialidade, a beleza, a grandiosidade e a generosidade.

A voz de Bilac na estrutura do texto ocorre na singeleza da história, sem o peso do discurso mais formal e acadêmico de Bomfim. Em algumas passagens, Bilac revela certo ufanismo, porém mais brando do que em outros textos.

A presença teórica de Bomfim, em “Advertência e explicação”, delimita também uma “linguagem natural que mais convêm à inteligência infantil” (BILAC e BOMFIM, 1939, XI). Bomfim preocupa-se com a psicologia e as fases de desenvolvimento das crianças, “sem queimar etapas”.

O fato de o texto iniciar-se em Recife/Pernambuco e, a partir daí, apresentar o Brasil de Norte a Sul, também denota a voz de Bomfim. Para ele, esse estado (juntamente com São Paulo) era considerado a matriz da brasilidade, em consonância com as duas capitanias hereditárias que prosperaram na ocupação do Brasil e cujos ocupantes e colonizadores iniciais se deslocaram e estruturaram o território nacional.

A crença na modernidade e na civilização que chegará aos rincões do Brasil é observada na constituição e localização da família de Carlos e Alfredo. Seu pai é um gaúcho que trabalha em uma obra moderna, ligada à implantação de

¹²A ideologia nacional corresponde a “uma dimensão *estrutural do modo de produção capitalista* e (...) *reporta-se a uma comunidade de cidadãos livres e iguais, comunidade fortemente vinculada a um território e cuja soberania se expressa no “seu” Estado.*” (ALMEIDA, 2006, 69)

infraestrutura – uma ferrovia - no interior de Pernambuco. O próprio Brasil é descoberto em suas potencialidades, sempre coligando a terra e o homem. A ação “do planeta sobre o homem e a reação do homem ao planeta” mostra os conceitos de “espaço-tempo e meio-tempo”, influência de Elisée Réclus sobre Bomfim (OLIVA e BRAY, 2001).

A concepção sobre o lugar, na obra, conecta a ideia de localização e localidade, marcando o específico em comparação com o geral. A marcação da temporalidade através do espaço e dos seus sinônimos privilegia o sertão/cidade. Na narrativa, o sertão corresponde ao lugar quase deserto, feroz, a ser vencido, ao passo que a metrópole seria o lugar da civilização, marcada pelo domínio da natureza através das obras, presença e ações humanas. As oposições constituem estratégias ao longo do texto, com destaque para o par civilizado/selvagem, litoral/interior, rural/urbano, atrasado/moderno.

A ideia de paisagem desvenda a grandiosidade da terra e dos feitos humanos – tudo é belo, imenso, um espetáculo. A natureza indomada, não-transformada – portanto, selvagem – incita ao medo. Já a natureza transformada pelas ações humanas é frequentemente evidenciada pelo aprazível e desejável. Nesse processo, há a antropomorfização do espaço¹³, territórios e lugares. Assim, “De fato, **de espaço a espaço**, via-se o **verde alegre da cana de açúcar**, afogado no **capinzal bravio**, que coroava todo o alto” (BILAC e BOMFIM, 1939, 180, L – No Catú, grifos nossos). A construção estética sinaliza o produzido e exógeno – a cana-de-açúcar – associado ao vocábulo “alegre”, enquanto o capinzal, nativo, recebe a alcunha de “bravio a afogar a cana”, reforçando a ideia do progresso. Este, como destino indiscutível, único e certo da sociedade brasileira, exige, portanto, domar o bravio em prol da civilização.

A antropomorfização estabelece sentido e dramaticidade ao defender as ideias sobre as possibilidades e o futuro das diversas regiões e da nação (um jogo de complementaridade entre as escalas local, regional e nacional).

¹³ Transposição de sentimentos e ações humanas aos mapas, animais, plantas, seres da natureza. Animais e plantas não sentem nem expressam sentimentos ou ideias políticas, a não ser através de uma construção de sentido puramente humana e social. Recurso presente em charges, textos, desenhos (como mapas antropomorfizados em jornais defendendo certas ideias e capazes de falar, cantar, reclamar) e em outros veículos, criam sentidos segundo o que se deseja expressar/evidenciar para o observado e vivido (DEL GAUDIO, 1998 e 2003).

O espaço, compreendido e explicitado pelos autores, remete-se às concepções de medida e distância. A palavra espaço, muitas vezes, delimita as distâncias entre os lugares, territórios e regiões: “A linha beirava um rio, águas claras, batidas pelo sol, encachoeiradas, entre pedras borborinhando e espumando; além, fluíam mansamente e o leito alargava-se formando pequenas enseadas, e de **espaço em espaço**, via-se uma ilhota coberta de verdura...” (BILAC e BOMFIM, 1939, 20, III - A velha africana, grifos nossos).

Quase todos os personagens eram descritos em seus atributos e qualidades físicas – força, músculos, faces, cores, cabelos, “belo exemplar do robusto sertanejo nortista” (BILAC e BOMFIM, 1939, 20, VII – Estrada a fora). Todavia, os dois condutores da narrativa, Carlos e Alfredo, assim como seu pai e seus tios, não receberam nenhuma descrição dos autores.

Qual foi a intenção de tal esquivar? Possivelmente causa identificação/incorporação com um dos dois meninos, não importando quem fosse o leitor. Os empregados, servos, subalternos ou personagens coadjuvantes, a exemplo dos bravos/fortes Juvêncio e Benvindo, fartamente descritos física e fisionomicamente, tiveram salientadas também a docilidade, a generosidade, a subserviência. Todavia, Carlos e Alfredo não eram “caboclos”, “mulatos”, “alemães” e indeterminados, potencializavam a identificação com qualquer leitor. Carlos e Alfredo representavam o brasileiro sem face, totalmente abstrato e capaz de ser da mesma classe, estrato e formação educacional de qualquer um. Com essa estratégia, os autores estabeleceram lugares sociais e facultaram a homens, mulheres e crianças criar relação com a terra, as paisagens, a natureza e a produção do espaço brasileiro.

É possível que a ausência de descrição de Carlos e Alfredo estivesse ainda atendendo justamente à construção da interpelação¹⁴, mecanismo pelo qual o sujeito é chamado a existir no universo social. Assim, na e pela escola, meninos (e ressaltamos aqui o gênero!) de toda ordem e hierarquia social viam-se representados e presentes na narrativa e, portanto no Brasil!

A propósito do gênero, a presença feminina irrisória, sem nenhuma protagonista, reiterava o lugar social da mulher na sociedade da época

¹⁴ O sentido de interpelação é “uma ilustração, um exemplo adaptado a um modo específico de exposição, suficientemente ‘concreta’ para ser reconhecida, mas abstrata o bastante para ser pensável e pensada, dando origem a um conhecimento” (PÊCHEUX, 1996, 149).

(OLINTO, 2006, 83). As mulheres, pouco nomeadas, foram vinculadas ao exercício de alguma profissão, e apareciam secundariamente nas histórias.

As relações sociais e de oposição entre o sertão e o litoral, entre o selvagem e o civilizado, tornaram-se mais emblemáticas quando da iminente separação entre as personagens. Alfredo e Carlos deverão voltar para sua família e serão enviados para o Rio Grande do Sul; Juvêncio seguirá para o Norte:

Generalizou-se a conversa, e Carlos notou, de repente, que **Juvêncio, sentado a um canto da sala de jantar** [do comerciante baiano, amigo da família de Carlos e Alfredo encarregado de enviar os meninos de volta para o seio de sua família] **nada dizia, conservando-se pensativo e triste**. Aproximou-se dele, e indagou o motivo daquela preocupação.

- E então, seu Carlinhos? Como não hei de estar apreensivo? **Amanhã partem os senhores, e não sei ainda que rumo tomarei na vida**.

(BILAC e BOMFIM, 1939, 197, LIV - Na Baía”, grifos nossos).

A separação dos amigos criou a oportunidade de dar a conhecer o Brasil, de Norte a Sul, a partir da descrição de vários estados e regiões. Todavia, Juvêncio atravessou o “bravio sertão”, alegre, solidário, em seu lugar. Esperançoso e falante foi capaz de garantir rumo e sobrevivência aos três. Na cidade (Salvador), na casa de pessoas de posses - o comerciante baiano, amigo da família de Carlos e Alfredo -, e diante do desconhecido (a vida numa cidade grande), estranha, ele se perde. Já os dois meninos, que estiveram perdidos no sertão, e em especial Carlos, sentem-se protegidos e em casa:

“E Carlos pensava, ao contemplar tantos palácios, tantas luzes, tanta beleza, na singularidade das aventuras que lhes aconteceram havia pouco tempo, e no **contraste entre os deslumbramentos da cidade civilizada e da simplicidade dos rudes sertões** por onde tinham andado perdidos” (BILAC e BOMFIM, 1939, 225, LXII - Na rua do ouvidor, grifos nossos).

Outra marca textual da diferença entre sertão/selvagem e litoral/civilizado pode ser encontrada nas medidas usadas para a marcação das distâncias. Para o sertão, a Amazônia, o interior, os autores usaram a “légua” como medida básica. Já para a metrópole/litoral/civilização, o uso foi do “quilômetro”, medida moderna. A mudança no uso das medidas pode ser atribuída ao ensino de matemática na época, e indica possivelmente as alterações nos sentidos da espacialidade que ocorreram com a chegada da modernidade.

Assim, o moderno ou a modernidade foram pontuados pelo apito do trem que adentra o interior e mostra suas potencialidade/dinamicidade. O interior, região

que complementa, tem um papel fundamental a cumprir no progresso do país, e, portanto, precisa ser integrado por estradas, túneis, lancha a vapor, telegrama, jornal, para, assim, libertar-se da condição de país estrangeiro.

Considerações finais

Uma lição de geografia... A primeira lição do programa: terras e mares, acidentes geográficos. No segundo capítulo, o livro fala em mar: “*o mar ficou lá trás...*”, - ao passo que o trem avança para o *interior do continente*, entre *montanhas, rios*, etc. Aproveitando essas indicações, o professor ensinará que a superfície da terra compreende terras e mares: as linhas de encontro são as *costas, baías, penínsulas*, etc.; depois, é fácil indicar os outros acidentes geográficos: *rios, vales, ilhas, lagos*, etc. (BILAC e BOMFIM, 1939, X, Advertência e explicação).

O conteúdo geográfico retratado pelos autores na seção acima não corresponde, de imediato, ao que posteriormente foi canonizado como “geográfico”. A influência de Elisée Réclus no pensamento de Bomfim explicita a construção, em duas vias, desses conteúdos. Acreditamos que as lições de Geografia de *Através do Brasil* extrapolaram aquilo que os autores consideraram como fundamental para sua época. Embora especificado como livro de leitura, ele incidiu na construção de conhecimentos disciplinares, enquanto uma obra com princípios da Geografia Clássica: as descrições pormenorizadas, a busca pelo detalhe, o encontro do diferente e único. As oposições geral/local, regional/nacional, concomitantemente, mostram o jogo de escalas que entrelaça o meio/homem, o rural/urbano, o arraial/cidade, enfim, o selvagem e o civilizado, elementos imprescindíveis à totalidade, na construção de uma ideia-projeto–desejo de nação. Enquanto “romance de formação”, trouxe o território como protagonista implícito, mas real, a permear a narrativa.

Grande parte dos assuntos da obra foi organizado posteriormente como conteúdo específico da Geografia do Brasil, em especial a escolar. Bilac e Bomfim, no desdobrar da narrativa, evocaram temáticas incorporadas ao discurso geográfico: as diferenças entre as regiões brasileiras, as formas de ocupação do espaço, as relações entre os homens e o meio e o meio e os homens, as distinções e especificidades do rural e do urbano, a produção

econômica do espaço, a constituição das fronteiras externas e internas, a implantação de infraestrutura, os limites e hierarquias, além de outras.

O olhar sobre as paisagens sugeriu a elaboração de uma geografia que irá confrontar a Geografia subjetiva de *Através do Brasil* com livros didáticos publicados no Brasil até a década de 60 do século passado. Proposição que incita a uma nova pesquisa: em que medida esses dois autores e essa pequena, mas singular obra, e, em especial, essa forma discursiva, contribuiu para a construção do corpus específico da Geografia escolar, especialmente a partir de 1930 – quando *Através do Brasil* ainda era muito utilizado como livro de leitura? Como determinadas formas e percepções do Brasil, suas terras e suas gentes foram se firmando nos manuais didáticos posteriores e voltados especificamente ao ensino dessa disciplina?

São esses nexos que a continuidade das reflexões procurará compreender.

Referências

ALMEIDA, L.F.R. Lutas sociais e questões nacionais na América Latina: algumas reflexões. *Lutas sociais*, n. 17/18, 64-77, 2006.

ANDERSON, Benedict R. O'G. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008. 330 p.

AUDIGIER, F. Pensar la geografia escolar. Un repte per a la didàctica, en *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 21, 15-33, 1992. (<http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/41556/52383>, acesso em 12/03/2008)

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BILAC, Olavo. A Pátria. In:_____. *Poesias Infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. (<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi01.htm>, acesso em 10/01/2011)

BILAC, Olavo & BOMFIM, Manuel. *Através do Brasil*. Francisco Alves, RJ, 1948, 36ª ed. (<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/00atraves.htm>, acesso em 12/12/2008)

BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil* (narrativa): Livro de Leitura para o curso médio das Escolas Primárias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 31^a.ed., 1939.

_____. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa: narrativa*. In: LAJOLO, Marisa. (Org.). São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BOTELHO, A. *Através do Brasil: um "romance de formação" da modernidade brasileira*. Recife: *Ciência e Trópico*. 26(1), 7-45, 1998.

CHAUÍ, Marilena de S. **Seminários**. 2^o Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisas. *Teoria & Educação*. n. 2, 177-229, 1990.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. São Paulo: *Educação e Pesquisa*, 30(3), 549-566, set./dez. 2004

CORRÊA, Rosa L. T. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cad. CEDES* [online]. 20(52), 11-23, 2000. (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622000000300002&script=sci_arttext&tlng=in, acesso em 20/10/2008)

DEL GAUDIO, R.S. O mapa do discurso e o discurso do mapa: algumas questões. *Ensaio*, 5(2), 48-64, 2003. (<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/64/102DEL>)

DEL GAUDIO (LONGHI), R. S. O movimento separatista do Triângulo Mineiro. *Lutas Sociais*, 4, 1998. (http://pucsp.br/neils/downloads/v4_artigo_rogata.pdf)

LAJOLO, Marisa P. Introdução. In: BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa: narrativa*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. 372p. (Temas Literatura brasileira, v. 58)

LESTEGÁS, F. R. Concebir la geografía escolar desde una nueva perspectiva: una disciplina al servicio de la cultura escolar. *Boletín de La A.G.E.*, n. 33, 173-186, 2002. (<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?Codigo=1122458>, acesso em 12/03/ 2008)

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003, 215 p.

OLINTO, Beatriz A. *Através do Brasil: identidades e teoria da História* (1910). Guarapuava/ Paraná: *ANALECTA*, 7(2), 77-89, jul./dez. 2006

OLIVA, Terezinha A. e BRAY, Sílvio C. Manoel Bomfim e o Pensamento Geográfico Brasileiro. In: GERARDI, L. H. de O.; MENDES, Landara A. (Org.). **Teoria, Técnica, Espaços e Atividades:** temas de Geografia Contemporânea. Rio Claro: UNESP, 2001, 21-44.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, 143-152.

PRIORI, A. e CANDELORO, V.D. de M. A utopia de Manoel Bomfim. *Espaço Acadêmico*, nº 96, maio 2009, Edição especial 08 anos. (http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_priori.htm, acesso em: 05/06/2010)

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2** - De Calmon a Bomfim: A favor do Brasil: direita ou esquerda. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2006, 183-231

RODRIGUES-MOURA, E. Territorio, moral y nación en los pupitres de la escuela. Olavo Bilac Y Manoel Bomfim, *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXIII 724, 227-241, marzo-abril 2007.

SANTOS, Claudefranklin M. e OLIVA, Terezinha A. de. As multifaces de "Através do Brasil". *Rev. Bras. Hist.*, 24(48), 101-121, 2004. (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01021882004000200005&lng=en&nrm=isso, acesso 05/06/2010)

SANTOS, Ediógenes A. e MONTEIRO, Regina M. O Brasil de Olavo Bilac e Manoel Bomfim: a construção política de uma identidade nacional através do ensino. *Revista Pro-Posições*. Vol. 13, n. 2 (38), mai/ago. 2002

TABOSA, Mariana Q. O Manual do Professor e seu Discurso sobre a Escrita de Textos. São Paulo: LAEL/PUC, *Rev. Intercâmbio*, vol. XVIII, 107-121, 2008.

VLACH, Vânia R. F. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José W. (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. 3a. ed. Campinas: Papirus, 2007, 187-218.

_____. *A propósito do ensino de Geografia: em questão, o nacionalismo patriótico*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

ZAPPONE, M. H. Y. Leitura e literatura: aspectos da produção e circulação de livros no Brasil. Maringá: *Teoria e Prática da Educação*, 8(1), 136-149, 2005.